



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO X — N.º 105 — SÃO PAULO, ABRIL DE 1966 REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191. — SALA 2 — CAIXA POSTAL — 62 48



Marinheiros de Portugal, desfilando na Praça do Império, antes de embarcarem para a guerra monstruosa em que vão matar e morrer ao serviço ao fascismo colonialista que oprime nove milhões de portugueses e escraviza doze milhões de africanos

UMA IDEIA EM MARCHA

A maneira fria e brutal como a polícia política de Salazar preparou e executou a morte do general Humberto Delgado veio mostrar, àqueles que ainda duvidavam, que o Sindicato do Crime, posto ao serviço do Estado Novo, não recuará ante novos crimes quando for considerado necessário liquidar inimigos do regime tidos como perigosos. Em princípio qualquer opositor sincero e corajoso pode ser atingido pelos matadores da PIDE, desde os abnegados e heróicos lutadores da clandestinidade, vítimas prediletas e tradicionais da sanha dos assassinos, até aos políticos do centro, os democratas cristãos ou os sociais democratas.

O arrancar da máscara não amedrontou, entretanto, os anti-fascistas portugueses. A morte de Delgado afetou toda a gente em Portugal. Mas a reação não foi a esperada pela mandante do crime. Perante o crime ignóbil ninguém que signifique alguma coisa na política nacional, e tenha um mínimo de lucidez pensa hoje em jogadas subtis no tabuleiro político: o inimigo, num gesto violento, derrubou todas as peças, provando definitivamente àqueles que se obstinavam em manobras de compromisso que não é possível jogar com criminosos.

Da impossibilidade comprovada do diálogo com o adversário devem agora todos os setores políticos da Oposição democrática — mesmo os mais conservadores extrair as devidas conclusões. A primeira, que se impõe com evidência meridiana, é a necessidade da formação de uma frente única que se possa opor com eficácia ao aparelho do Estado fascista e desalojar do poder a camarilha que o ocupa há quase 40 anos.

O Manifesto dos candidatos democráticos à "Assembleia Nacional" de Salazar, dirigido à Nação por ocasião da farsa eleitoral de novembro p. p., representou um importante passo no sentido da realização de uma unidade mais ampla. E isso não tanto pelas posições assumidas durante a campanha pelos signatários como pelas manifestações de solidariedade que provocou tão logo as autoridades fascistas se dispuseram a encarar documento tão moderado como ato de "traição à Pátria". Passando por cima das divergências que os separam em face dos principais problemas que afligem o povo português, os anti-fascistas de todas as tendências, com uma decisão e uma unanimidade que alarmaram Salazar, vieram a público hipotecar o seu apoio aos autores do Manifesto. O que se viu nessa altura foi uma bela união de católicos, sociais-democratas, monárquicos e comunistas em torno dos candidatos da Oposição, na sua maioria republicanos liberais.

Esse movimento espontâneo provou mais uma vez que a unidade das forças políticas que combatem o fascismo em Portugal pode ser aperfeiçoada e ampliada. Antes do mais, porém, como já salientamos aqui, torna-se indispensável reunir em torno da Mesa de uma Conferência os representantes de todas essas forças para um debate franco e amplo dos problemas de que depende o estabelecimento de uma plataforma política unitária que permita imprimir novos rumos à luta pelo derrubamento do regime. A repercussão que alcançou a nossa sugestão entre a emigração democrática foi bastante considerável, a avaliar pelo número de cartas que recebemos de portugueses residentes em vários países, apoiando a idéia.

O diálogo entre todas as forças democráticas portuguesas é uma velha aspiração dos que sempre lutaram pela unidade. Hoje, deixou de ser apenas desejado, para se tornar indispensável. Não acreditamos que surjam divergências capazes de impedir a aprovação de uma plataforma comum. O sacrifício de Delgado abriu os olhos a muita gente. Façamos pois tudo para tornar uma realidade uma Conferência da Oposição Democrática na qual se alargue a frente unitária esboçada nas "eleições" de Novembro, transformando-a na frente nacional anti-fascista que permitirá instaurar a democracia no nosso País.

Até Quando a Mentira?

"Descoberto o caminho marítimo para a Índia, impunha-se uma mudança na educação dos nobres, a qual se não operou (...). E sobreveio o "terribil" do Albuquerque, que estragou tudo definitivamente. Talvez esses pontos passem a ser atendidos quando os homens do nosso escol intelectual e político comecem a "pensar" a nossa própria história em vez de a "cantarem" com exaltação patrioteira — mais ou menos convencional e mentirosa, e hipócrita, — e quando deixem de exaltar os procedimentos vistosos, em prejuízo dos inteligentes, advertidos, práticos, e por isso de préstimo para a nossa Grei".

(António Sérgio — Ensaio)



Tropas regulares do Exército Popular de Libertação da Guiné, exercitando-se num intervalo da luta que travam pela independência da sua pátria.

PORTUGAL
DEMOCRATICO

ONTE
NUEL
SE CA-
S SIL-
LOM-
RIQUE
(grono-
etras);
IEGAS
nos de
ISTAO
reito);
Artes);
ES (ex-

mocra-
bilizem
ao co-
o pú-
nova
ra os
ade in-
z mais,
na sua
entude

o, pois
xactas,
seguir,
nto!

stantes
e bom
fascis-
nando-
dos
mente
guaia,

nte) —
Frantés
e Exd-
4, ven-
s findo
colóquio
da re-
iscussão
e refor-
cional
ciativa
outras,
: Par-
cialista
unista
ral do
dos Ex-
sociação
Demo-
do Ho-
Francés,
en, etc.
alidades
am Re-
ladmir
int,t e

PORTUGAL DEMOCRATICO
R. Cons. Furtado, 191 — SP, Brasil

BEJA: CIDADE ALEMÃ O Delírio de um Pasquim

Em janeiro de 1962 o então Ministro da Guerra da República Federal Alemã, Franz Josef Strauss, visitou Portugal à cabeça duma delegação militar que incluía o General Panitzki e o Coronel Becker, para negociar as bases de um acordo para o estacionamento de 17.000 soldados alemães em Portugal.

Em inícios de 1963, uma outra comissão militar da República Federal Alemã, conduzida então pelo General Becker, visitou novamente Portugal. Desta vez, de concerto com as autoridades portuguesas, a comissão militar oeste alemã concretizou até ao pormenor o projeto elaborado um ano antes. E em junho de 1963, os ministros da defesa da República Federal Alemã e de Portugal, von Hassel e Gomes de Araújo, assinavam definitivamente o tratado da concessão à Bundeswehr de uma base de aviões de jacto na região de Beja, (Base Aérea N.º 11). A criação desta moderna base, que inclui diversos terrenos de treino, depósitos e estabelecimentos diversos, foi financiada pelo NATO, importando as primeiras obras previstas em cerca de 150.000 contos! (Die Andere Zeitung, Hamburg, 9-8-1962).

O primeiro contingente para a base (500 oficiais e soldados alemães, sob o comando de um general alemão) chegou pouco depois. Em curto espaço de tempo, foram construídos grandes depósitos e edifícios para habitação e comércio (Frankfurter Rundschau, 16-10; Wehrpolitische Information, Colonia, N.º 43, 1963; Der Tagesspiegel, Berlin Oeste 29-1-1964).

Para coordenar esta colaboração militar foi estabelecida em Lisboa uma "Missão Militar Alemã" permanente chefiada pelo General Becker (Portuguese and Colonial Bulletin, Londres 1-1965, pág. 255).

O clima político desta fase das negociações e da entrega do território e da segurança nacionais aos revanchistas da República Federal Alemã foi atingido com a visita de von Hassel a Lisboa em maio de 1965, tendo sido condecorado por Salazar com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo.

Entretanto já em janeiro de 1965, a base era dotada de um caminho de ferro próprio (Diário de Lisboa, 27-1-1965).

O bairro residencial para as forças militares alemãs que está quase concluído, foi projetado para ocupar 90 hectares, cerca de 2/3 das dimensões atuais de Beja e dispôr de 1.500 residências, um hospital militar de 200 camas, um hotel com 20 quartos, um centro comercial com 20 estabelecimentos, um cinema com 600 lugares, um centro escolar para mil alunos, um jardim-escola para 200 crianças, piscinas, campos desportivos, um restaurante-cervejaria para 300 pessoas, lavandarias, centros de aquecimento e até 2 igrejas, uma católica e outra protestante; a maior das quais será a protestante com capacidade para 600 pessoas (Século, 29-10-1964).

Quer dizer: num país em que o déficit efetivo de habitações é da ordem de 460.000 das quais 150.000 com caráter muito urgente, e em que o Estado, de 1956 a 1960 financiou totalmente uma média anual de construção de 1.244 fogos (Problemática de Habitação em Portugal, Análise Social N.º 2 — vol. 1, abril de 1963); num distrito como o de

Beja, em que o número de habitantes por médico é de 2.636 e por enfermeiro de 17.927 (1) (Assimetrias espaciais do progresso no continente português, Maria Manuela Silva, Análise Social, N.º 6, vol. II, abril 1964); num país em que ainda por exemplo, 57% dos partos não têm qualquer assistência médica (idem); em que apenas, em 1958-59, 1,8% das crianças com mais de 13 anos recebiam instrução (idem); em que a frequência dos espetáculos públicos varia entre 9.111 espectadores por ano por mil habitantes, no distrito de Lisboa e de 246 espectadores por ano por 1.000 habitantes (idem), é neste país que se constrói, num ano, esta maravilhosa pequena cidade, não para os portugueses, mas para militares oeste-alemães, para os sucessores das hordas nazis que há pouco mais de 20 anos bombardeavam, destruíam cidades e países inteiros na Europa!

É a isto que o jornal fascista "Diário Popular" chama "um passo decisivo e inesperado no futuro de Beja" só faltando saber "se a cidade está preparada como se impõe para acompanhar esse impulso de progresso" (1) (Diário Popular, 18-9-1965).

Agora que já se encontram cerca de 5.000 alemães em Beja, as consequências desta entrega da terra portuguesa às forças de guerra da República Federal Alemã começam a fazer sentir-se fortemente na vida das camadas populares da região.

É certo que, momentaneamente, o flagelo crônico do desemprego diminuiu devido às necessidades de mão de obra que se verificam até à conclusão final do plano de construção previsto. Entretanto os preços subiram em flecha, as rendas de casa tornaram-se inacessíveis para os trabalhadores e até numerosos habitantes de Beja tiveram que sair da cidade para ir morar para freguesias vizinhas (Diário Popular, 18-9-1965). Os trabalhadores agrícolas do distrito que ganhavam em média, em 1961, 28\$10 por dia de trabalho ("Aspectos Recentes da Repartição do rendimento em Portugal", Mário Murteira, Análise Social, N.º 3 vol. I, julho 1963) estão hoje em sérias dificuldades para fazer face ao movimento inflacionista que alastra pela região.

Estas são algumas das primeiras consequências nefastas para o povo português do estabelecimento duma poderosa base da República Federal Alemã, em Portugal.

Outras consequências são as que se ligam à expansão do imperialismo alemão no nosso país, à ajuda e imposição duma criminosa e custosa guerra colonial em África contra a vontade da Nação, à descarada preparação duma guerra mundial atômica e à repressão do movimento democrático e popular português.

Já em 9-8-1962, o diário oeste-alemão "Die Andere Zeitung" de Hamburg, salientava a importância da construção da base alemã na região de Beja, por esta ser um "ponto nevrálgico" de "revolta contra a ditadura" dos portugueses.

Recentemente, foi o próprio Salazar que "saudou" de forma muito particular os acordos com a Bundeswehr.

A imprensa fascista, recomenda agora que se estimulem e desenvolvam, designadamente na região de Beja, os cursos de

aprendizagem de alemão, da língua da República Federal Alemã, do aliado fiel, do patrão seguro dos salazaristas, nos nossos dias.

O rei vai nu. É bem claro para todos o que o governo de Salazar pretende com as suas campanhas de histerismo patrioteiro, com a sua política do prosseguimento a todo o transe da guerra colonial.

Não é a defesa da Pátria. É a defesa dos interesses daqueles a quem a Pátria foi vendida.

(Do Boletim de F.P.L.N., dezembro).

As tradições sindicais do povo português

As tradições sindicais do povo português datam do século passado. Elas cresceram e avolumaram-se com a implantação da República em Portugal, em outubro de 1910.

No campo das centrais sindicais temos, primeiro, a organização do U.O.N. (União Operária Nacional), que mais tarde se transformou na Confederação Geral do Trabalho (C.G.T.). Esta criou um órgão diário, "A Batalha", que se tornou, pela sua grande tiragem e aceitação, no portavoz dos trabalhadores industriais e camponeses explorados.

Por todos os centros industriais e camponeses se criaram associações de classe, que começaram a encarar as reivindicações mais imediatas para a melhoria das condições de vida dos que eram explorados pelos patrões. As lutas por uma vida melhor desenvolvem-se à escala nacional, atingindo até mesmo a colônia de Moçambique, onde os ferroviários se lançaram na célebre greve que deu origem ao aparecimento do "Vagão Fantasma", que conduzia os presos grevistas. Estes iam num vagão sob o tórrido sol, vagão este posto à frente da máquina para evitar qualquer acto de sabotagem e forçar à submissão os trabalhadores em luta. Solidarizando-se com esses grevistas, a C.G.T. organizou grandes paralizações de trabalho, que emocionaram todo o país.

Setubal, "A Vermelha", como então lhe chamavam, tornou-se um verdadeiro exemplo de luta, pela coragem dos seus operários. Os camponeses do Alto e do Baixo-Alentejo e do Ribatejo, fizeram greve reivindicativa, que paralizou toda a vida dos campos. Esse movimento grevista deu origem a muitas prisões nas zonas da Moita. Os camponeses não se conformaram com a repressão e fizeram uma potente concentração nessa vila, de tal maneira que assaltaram a administração do concelho e puseram em liberdade os presos.

Entretanto, as camadas da burguesia, alarmadas com o despertar da classe operária, puseram em acção um movimento reacionário, ligado a militares, e que culminou com o 28 de Maio de 1926.

Não obstante o caráter reacionário deste movimento, ele não atacou logo aos sindicatos, deixando-lhes uma certa liberdade de acção. Mas em 1934, o governo salazarista publicou então o famoso decreto fascista, pelo qual

Para que os brasileiros pouco conhecedores das teses delirantes que a imprensa fascista de Salazar gosta de apresentar e debater, transcrevemos abaixo um pequeno excerto de um artigo que, sob o título, "Portugal, Grande Potência" veio a lume recentemente no semanário ultra "Agora":

"Mas é sobretudo no domínio cultural e político que a Comunidade teria um campo vastíssimo, cuja dimensão muito poucos terão antevisto. Estou em dizer, como o afirmou um deputado brasileiro que visitou Angola, que a Comunidade seria de tal grandeza, que nos dispensaria de nos unirmos a

eram suprimidos os sindicatos e liquidadas as liberdades sindicais em Portugal.

Cabe salientar, aqui, que a C.G.T., logo que se deu o 28 de Maio, enveredou por uma política de colaboração com os "putchistas" deixando de lado as reivindicações económicas, esperando assim que a ditadura militar-fascista pudesse ser derrubada. Essa política oportunista deu origem ao aparecimento de uma nova central sindical, a I.S. (Inter-Sindical) que se lançou na continuação das lutas reivindicativas do povo português.

No entanto, a frente dos sindicalistas foi feita, não obstante a divisão antes verificada, para fazer face ao decreto que obriga a fascização dos sindicatos, que o governo fascista ia criar.

Disto resultou a jornada de 18 de Janeiro de 1934, de greve em parte com o carácter revolucionário (veja-se o caso da Marinha Grande, por exemplo) e que tinha como um dos objectivos protestar contra a liquidação dos sindicatos



tos livres decretada pelo governo. Esse protesto foi, porém, esmagado com a violência que caracteriza os regimes militares-fascistas. Cerca de 500 militantes sindicais são presos e torturados pela polícia política (então a P.V.D.E.) e muitos desses militantes sindicais foram enviados para o Tarragal (o campo de concentração da morte lenta, no arquipélago de Cabo Verde, onde uma dezena deles morreu nas mais terríveis condições.

Uma grande parte do povo português, sobretudo a camada jovem, desconhece o carácter e as tradições da luta sindical dos

qualquer outro bloco, porque ela só por si constituiria um bloco poderoso.

A Comunidade, possuindo cerca de 10.600.000 km², dominaria uma área territorial somente excedida pela da Rússia e muito ligeiramente pela China, teria a vantagem que àquelas potências falece, a dos seus domínios se estenderem pelas cinco partes do Mundo, com predominância nas duas costas atlânticas.

Planejada e firmada em moldes coesos e estáveis, a sua influência poderia estender-se a quase todos os países ibero-americanos, assim como aos povos africanos. Estes, lançados numa estúpida aventura de independências prematuras, encontram-se num caos donde dificilmente sairão por eles próprios. Os países "cooperadores" no seu desenvolvimento e progresso, que à compila oferecem ajudas, nada mais farão do que tornar a confusão e a desordem cada vez maiores. A Comunidade seria a única potência capaz de ajudar estes povos, especialmente os que se avizinhavam de Angola e de Moçambique, a sair do atoleiro em que os lançaram e elevá-los à dignidade a que aspiram e têm direito.

A Comunidade, num futuro embora distante, poderá comportar à vontade um bilião de habitantes, visto possuir, além da área já referida, riquezas potenciais incomensuráveis, podendo produzir uma gama de artigos, especialmente agrícolas, tão vasta e variada, como não é possível encontrar-se em qualquer país ou grupo de países formando os actuais blocos".

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

Estranharam certamente os nossos assinantes o atraso com que tanto este número como o anterior lhes chegaram às mãos. O fato deve-se a circunstâncias que impediram completamente de nós. A gráfica onde o nosso jornal era composto e impressão foi atingida pelas consequências das inundações que em fevereiro assolaram São Paulo. A falta de energia, paralizando os trabalhos, atrasou de duas semanas a impressão de "Portugal Democrático". Já em março, o atraso decorreu da mudança de gráfica, facto que aliás contribuiu para aumentar as nossas despesas.

trabalhadores portugueses, por este problema não ter sido suficientemente alado até agora, pelo menos tanto quanto interessava e interessa. Eis, pois, amigos, a razão porque lembramos que o operariado português tem fortes tradições de luta sindical, que, felizmente, não foram vencidas nem esquecidas essas lições de luta, pois que elas têm continuado e continuam, presentemente, nesse país, como se verificaram há pouco tempo em Pero Pinheiro. Mas uma coisa é certa: — é sempre bom e sempre conveniente lembrar essas tradições de luta dos operários e dos camponeses lusos, pois, sendo os sindicatos a base da luta emancipadora dos trabalhadores, essas batalhas poderão e deverão ser levadas por diante... mesmo com os chamados "Sindicatos Nacionais", isto é, servindo-se os trabalhadores em parte desse meio para conquistar os seus verdadeiros fins.

(De "O Trabalhador", Paris, março).

Nolas e comentários

SOLIDARIEDADE A ESPANHA

Salientávamos em nossa última edição que a campanha contra a existência de bases militares estrangeiras em Espanha e Portugal é neste momento um serviço prestado a toda a Humanidade, ameaçada de extermínio pelo perigo atômico e pela escalada belicista norte-americana.

Palomares foi mais um aviso entre muitos. A única diferença reside na circunstância de termos desta vez, a ameaça ao pé da porta. Dois meses depois da queda do bombardeiro *yankee* que transportava as bombas nucleares, um desses engenhos de destruição continua sepultado no Mediterrâneo, algures, junto ao litoral de Almeria. A gigantesca mobilização de navios, homens e aviões destinada à recuperação da bomba não conduziu a resultados práticos. A única consequência desses esforços é a ruína completa dos habitantes de Palomares, agora impedidos de trabalharem as suas terras e de utilizarem as zonas pesqueiras habituais, umas e outras ocupadas pelo aparelho militar e científico norte-americano empenhado nas buscas.

A Espanha inteira, justificadamente, continua a viver num pesadelo permanente. E Portugal também, acrescentaremos. O problema é tão nosso quanto dos nossos irmãos do outro lado da fronteira. No Interior e na Emigração, portugueses e espanhóis devem, mais do que nunca, dar-se as mãos e marchar unidos na luta pelo derrubamento dos fascismos ibéricos. Toda a vitória alcançada pelos democratas espanhóis é uma vitória dos democratas portugueses e vice-versa. Palomares é um elo mais a reforçar a aliança das forças democráticas e progressistas de ambos os países. No momento em que Franco, acuado pelos operários, pelos estudantes, pelos intelectuais, pela burguesia liberal e pelas massas camponesas recua e se vê forçado, inclusive, a negociar com a Alemanha Federal, negando-lhe em princípio o direito de sobrevoar o território espanhol com os seus aviões militares, têm os antifascistas portugueses um ótimo ensejo para dar uma forma prática à sua solidariedade ao povo irmão. Cabe-nos atacar o mal pela raiz, exigindo a saída dos alemães de Beja, o desmantelamento da base aérea da nova Luftwaffe e de todas as demais bases estrangeiras em Portugal.

Fora com os Ingleses

do Montijo, fora com os Americanos dos Açores, fora com os prussianos de Beja!

O EIXO LISBÔA-BONN

O namoro entre Lisboa e Bonn prossegue. Desiludido com os norte-americanos cujos interesses em África não lhes permitem uma política de ostensivo apoio ao colonialismo, Salazar reforça cada vez mais os laços que o prendem aos militaristas de Bonn e aos grandes monopólios germano-ocidentais. Tais laços são evidentemente de completa subordinação dos interesses do povo português aos do revanchismo prussiano e do capital monopolista estrangeiro, mas isso está perfeitamente dentro da lógica e da estratégia do fascismo. Para Salazar, o que importa é fortalecer uma aliança que encara como um sustentáculo para o regime.

Não é de estranhar assim que as visitas das mais altas personalidades germano-ocidentais a Lisboa se sucedam em ritmo acelerado e em ambiente de festa. Delas destacamos duas. A primeira foi a do ministro que preside ao Conselho de Defesa de Bonn, Heinrich Krone. Uma visita puramente militar, esmaltada de declarações de apoio à guerra colonial. A outra, em fins de Março, teve um cunho mais diplomático, por se tratar do próprio ministro dos Negócios Estrangeiros do sr. Erhard. Em Madrid encontrou o sr. Gerhard Schroeder tantas dificuldades como facilidades em Lisboa. Preocupado com a campanha que órgãos liberais do seu país, como o "Welt Am Sonntag", de Hamburgo, desenvolvem contra o renascimento do militarismo prussiano, não escondeu o sr. Schroeder a sua máguia por não encontrar na sua própria casa tanta "compreensão" para "os problemas da Força Aérea Alemã" quanto em Portugal. E foi acrescentando que Bonn tem a firme intenção de aumentar o coeficiente de utilização da base de Beja para voos operacionais da nova Luftwaffe.

Cabe ao povo português dar a resposta adequada a esses propósitos, dando proporções nacionais à campanha contra a permanência dos militares prussianos em Beja.

PERSEGUIÇÃO A JORNALISTAS

Premido pelas circunstâncias, Salazar vê-se cada vez mais forçado a retomar métodos que não gosta de utilizar pelo desprestígio internacional que deles decorre. No próprio momento em que o

seu comparsa Franco extingue oficialmente a censura como medida de propaganda, o ditador português envereda pelo caminho oposto. Não imita a hipocrisia do colega: arranha os dentes à Imprensa. Manda prender o chefe de redação da *France Presse* em Lisboa, Lindolfe Pinto Bastos, e lança os rafeiros da PIDE nos calcanhares de Denis Redmont, correspondente da *Associated Press*. O primeiro, embora já em liberdade, chegou a ser encarcerado; o segundo, escapou por se haver refugiado na embaixada dos Estados Unidos.

É obvio que o velho ditador sabe avaliar perfeitamente a repercussão negativa de gestos tão brutais como esses. Nos Estados Unidos, particularmente, toda a imensa cadeia de jornais servida pela *Associated Press* noticiou com destaque a prepotência fascista. Mas Salazar pensou que, internamente, o seu gesto não provocaria, desta vez, indignação. Isso porque as informações divulgadas para o Exterior pelos representantes das duas agências deturpavam parcialmente os fatos. Ambos tinham noticiado a tentativa de suicídio da jovem Maria Antonieta Coelho e a hospitalização, com fratura da coluna vertebral de Ruy de Espiney, acrescentando que se tratava de dois estudantes. Pelas informações vindas posteriormente a lume na imprensa internacional não parece efetivamente tratar-se de elementos ligados ao movimento estudantil unitário e anti-fascista, mas sim de jovens que agiam isoladamente. Entretanto, isso em nada diminui a brutalidade do gesto da PIDE que suscitou a indignação do povo português, e menos ainda justifica a estúpida perseguição aos jornalistas.

Como muito bem assinalou o jornal "Le Monde" em comentário ao assunto. "É caso para nos surpreendermos que as autoridades portuguesas tão rápidas em "desmentir" uma fratura da coluna vertebral, se mostrem tão discretas no que concerne a perguntas específicas formuladas pelas autoridades espanholas sobre as responsabilidades da PIDE no assassinio do general Humberto Delgado a 13 de Fevereiro de 1965, perto de Badajóz. As revelações do juiz espanhol encarregado do inquérito, não provocaram, até ao presente, mais do que vagas contestações do governo de Lisboa, e a opinião pública internacional espera ainda saber qual o teor do "dossier" do governo português sobre esse grave acontecimento".

O jornal *L'Osservatore*

PADRES ANGOLANOS CONTRA SALAZAR

Romano, órgão do Vaticano, divulgou em Março uma car-

ta que um grupo de sacerdotes angolanos enviou ao Nuncio Apostólico em Lisboa e que constitui um libelo veemente contra o colonialismo. Os signatários que foram arrancados pela PIDE das suas paróquias em Angola e trazidos para Portugal, onde são mantidos em regime de residência fixa e vigiada, afirmam no importante documento que "a independência de Angola ocorrerá um dia, com a Igreja ou sem ela". Denunciando os horrores do colonialismo salazarista, lembram que o governo português "sob o pretexto de evangelizar, criou o direito à colonização, impondo uma pátria, quer os colonizados precisem ou não". E acrescentam: "Neste espírito de apostolado, temos sofrido a prisão, o desterro, as torturas físicas e morais, a incompreensão, as difamações mais diabólicas, o abandono e até as restrições à liberdade sacerdotal. E esta situação se eterniza, sem a esperança de solução para os novos sacerdotes".

As autoridades fascistas, e particularmente Salazar, manifestaram, através de porta-vozes da agência ANI e do SNI, o profundo descontentamento que lhes causou a atitude do *Osservatore Romano*, pois interpretam a publicação da carta dos padres angolanos como uma condenação tácita pelo Vaticano da "política portuguesa em África". E nesse aspecto, não falta razão aos fascistas de Lisboa. At uma força, tradicionalmente conservadora e prudente como a Igreja Católica, representada pela sua cúpula romana, sente que chegou o momento de retirar a cobertura ao "católico" regime de Salazar.

A DECADÊNCIA DE FRANCO NOGUEIRA

O sr. Franco Nogueira foi um dia um jovem promissor. Dizem os que o conheceram quando estudante que era um espírito aberto ao mundo, preocupado com a marcha das idéias e a problemática do homem, voltado para o progresso e avesso a toda e qualquer veleidade liberticida. Desgraçadamente, o homem maduro não correspondeu ao esperançoso adolescente. Nem ao menos se pode alegar que é um caso de oportunismo. O estudo atento do comportamento do atual ministro dos Estrangeiros de Salazar leva-nos a conclusões penosas. Nas altas cavalarias em que se meteu não dá mostras de possuir ao menos uma fracção daquela argúcia que lhe atribuíam. Os seus últimos pronunciamentos, envoltos numa pesada ganga de retórica, são de uma indigência intelectual confrangedora. Para não irmos mais lon-

ge, aí temos a extensa e romboédrica declaração que entregou aos jornalistas no início da conferência de imprensa realizada em Lisboa no dia 11 de Fevereiro. De acordo com o cenário — o Palácio das Necessidades — deixou o sr. Nogueira transparecer a necessidade premente que tem de aperfeiçoar tanto as suas fontes de informação como o seu processo de raciocínio. Ao analisar sumariamente a conjuntura internacional não houve assunto sobre o qual não debitasse torrentes de disparates. Primeiro pontificou sobre o Mercado Comum com a suficiência acadiana que tomou de empréstimo do chefe, resumindo em termos barrócos, e segundo uma óptica monopolista, o que se passara na reunião do Luxemburgo. Depois, abordou um tema diferente: a Conferência Tricontinental de Havana. Ao ler as graves advertências do sr. Nogueira, fica-se com a impressão de que ele tem as mais sérias dúvidas acerca da capacidade de os funcionários do Departamento de Estado entenderem o significado do que ocorreu na capital cubana. Fora disso, revelou com as suas afirmações desconhecer por completo o que é a América Latina como realidade étnica, cultural, económica e sociológica. O *climax* da indigência mental só foi atingido, porém, quando o austero ministro de Salazar passou à análise dos acontecimentos que unicamente transformaram o Continente Africano em palco de sucessivos golpes militares. Então sim. O *expert* em assuntos africanos exibiu uma ignorância ainda mais enciclopédica do que a evidenciada em relação aos problemas tratados em Havana. Tudo, aliás, para levar a água ao seu moínho e terminar exaltando as excelências do regime racista do sr. Ian Smith. Só é de lamentar que o sr. Nogueira não siga ele próprio o caminho que apontou durante a sua Conferência de Imprensa: "Concordaremos todos em que nada temos com os assuntos internos daqueles países: são negócios domésticos que apenas respeitam aos respectivos povos. Este princípio é sagrado e todos o deveríamos respeitar e cumprir". A inteligência do sr. Nogueira não conseguiu produzir nada melhor para insinuar que ninguém deve imiscuir-se nos massacres perpetrados pelo colonialismo português e nos assuntos da Rodésia, mas que se reserva o direito de criticar todos os "chefes tribais" das nações que encarnam o desejo de independência da África. Estadistas do porte de Modibo Keita, Sekou Touré e Julius Nyerere são, obviamente, para o sr. Nogueira, moleques (Conclui na página 7)

Rumo à Vitória

A Situação das Classes Trabalhadoras - IV

Com a alimentação a menos e intensidade de trabalho a mais, longas épocas desempregados, vivendo em tugúrios, sem assistência médica nem previdência, os trabalhadores portugueses são reduzidos a uma situação de trágica miséria. Temos uma juventude depauperada e raquitizada e a saúde dos trabalhadores arruína-se pelas duras condições de vida e pela falta de assistência. A tuberculose continua a ser um flagelo nacional. As doenças profissionais atingem vastos setores operários. Um inquérito oficial revelou haver minas com mais de 30% dos operários atingidos pela silicose. O mesmo se passa em fábricas de louça e outras. Quando os operários doentes e cansados pelo trabalho já não dão o rendimento de antes, diminuem-lhes os ordenados ou despedem-nos para sempre com 10, 20 e mais anos de casa, sem pensão, nem reforma. As mulheres não têm qualquer assistência eficaz na gravidez e no parto embora muitos patrões obriguem as operárias a assinar recibos de subsídios que nunca viram. A mortalidade infantil, com 89 óbitos de crianças de menos de um ano por mil nascimentos é de longe a mais alta da Europa — o duplo, o triplo, o quádruplo dos óbitos verificados nos outros países da Europa Ocidental.

A miséria é tanta, é tão poderosa a corrupção do dinheiro, é tão profunda a decomposição moral da sociedade, que a criminalidade e a prostituição não param de aumentar. O ritmo do aumento da prostituição é mais que duplo do ritmo do aumento da população. Um ano atrás havia, só em Lisboa, quinhentos prostíbulo e cinco mil prostitutas matriculadas (mais do dobro do existente em 1926). Depois da espectacular, inútil e demagógica proibição da prostituição em janeiro de 1963, em vez dum tanto ruas e casas temos a prostituição "clandestina" espalhada por todo o lado.

Os fundos das Caixas de Previdência que deviam destinar-se em parte fundamental à assistência na doença, invalidez e velhice, são desviados para auxiliar, não os trabalhadores, mas os capitalistas e o Estado. Hoje, as Caixas de Previdência são dos maiores accionistas e obrigacionistas de muitas grandes companhias e dos maiores subscritores dos empréstimos do Estado. Muitos milhões de contos, que se deveriam destinar a melhorar a situação das classes trabalhadoras, são abusivamente postos ao serviço dos grupos monopolistas e do Estado fascista. Numerosas Caixas

de Previdência cobrem ainda a sua existência com o pretexto de "previdência", mas trabalham fundamentalmente como mobilizadoras de recursos dos operários e empregados para os pôr ao serviço do grande capital. No chamado primeiro Plano de Fomento, num financiamento total de 6.786 milhares de contos as Caixas de Previdência cobriram 1.544 milhares de contos, ou seja, 23% do total. Um quinto do capital dos novos empreendimentos é coberto pelos fundos da Previdência. Hoje, quando os grandes grupos monopolistas pretendem capitais a juro módico ou mesmo sem qualquer juro, dizem ao governo fascista, este diz às direções fascistas das Caixas de Previdência, e estas dão logo o dinheiro à grandes empresas. A Hidroelétrica do Douro, por exemplo, quando no início da sua actividade precisou de capitais de empréstimo a baixo juro, conseguiu que o governo determinasse que as Caixas de Previdência subscrissem 50.000 contos de um empréstimo total de 75.000 contos.

É frequente Caixas de Previdência, mesmo relativamente modestas, figurarem ao lado dos grandes potentados financeiros como grandes prestamistas do Estado. A Caixa Sindical de Previdência do pessoal de indústria cerâmica, por exemplo, tem ... 100.000 contos emprestados ao Estado, 24.000 contos na C. P., 13.000 contos na SACOR, 17.000 na HICA, 6.000 contos na HED, etc. No total, quase 200.000 contos desta Caixa foram postos assim ao serviço do Estado e dos monopólios. O aso repete-se por todas as outras. A rapina descarada da Previdência não tem limites. Os fundos das Caixas chegam a ser utilizados para o reforço do aparelho repressivo. Pois não "pediu" recentemente a Câmara Municipal de Matosinhos à Caixa Sindical dos operários têxteis ajuda para a instalação de um posto da GNR em S. Mamede de Infesta?

Tudo tirar aos trabalhadores, tudo para o serviço do grande capital, — tal a política do governo fascista.

Se as condições materiais de vida são o que se acaba de referir as condições culturais não são melhores. Ninguém esquece as célebres palavras de Salazar que mostram bem o propósito de monopolizar a cultura para a burguesia reacçãoária: "Saber ler, escrever e contar é bastante para a grande maioria dos portugueses". Salazar disse "bastante", mas pensa que é "demasiado". Toda a "política do espírito" fas-

cista tem tido em vista vedar às classes trabalhadoras o acesso à instrução e à cultura. Para as despesas militares há 40% e mais das receitas do Estado; para a educação 10% e menos. O resultado é que mais de 40% dos portugueses continuam sendo analfabetos, — índice que é um vergonhoso escândalo na própria Europa capitalista. Das crianças inscritas nas escolas primárias só um terço consegue terminar a quarta classe. Constroem-se anualmente menos edifícios escolares do que se constroem há meio século. Milhares de escolas primárias não têm professores. Nas escolas médias, onde pelas elevadas propinas e pela dificuldade para as famílias de trabalhadores dispensarem o salário dos jovens, começa a seleção de classe, chegam a ser reprovados cerca de 50% dos estudantes. A Universidade é reservada para os filhos da burguesia, porque, disse com clareza um ministro da Educação salazarista, é necessário "preservar da invasão das massas as Universidades e os estudos post-graduados".

A perseguição à instrução, à cultura e à arte é lei do regime fascista. Os fascistas têm tanto medo da instrução e da cultura como de balas. Tal como os hitlerianos, também os salazaristas, quando ouvem a palavra cultura, levam a mão ao revolver.

O melhoramento urgente das condições de vida das classes trabalhadoras é um dos objectivos fundamentais da revolução democrática. Os fascistas dizem que os salários só podem ser aumentados se aumentar a produtividade do trabalho. Nós afirmamos, que num Portugal libertado da ditadura fascista, nacionalizados os sectores da indústria e do comércio hoje em poder dos monopolistas e realizada a Reforma Agrária, é não só possível como indispensável um aumento geral de salários, e esse aumento será um passo para a subida da produtividade.

O pagamento de igual salário para igual trabalho aos homens, mulheres e jovens; a qualificação profissional e as promoções de jovens trabalhadores; a proibição do trabalho infantil; o respeito pela jornada de oito horas; o pagamento devido das horas suplementares; a segurança no trabalho; a protecção à mulher na gravidez e no parto e assistência à infância; o estabelecimento de um sistema eficaz de assistência médica e seguros sociais na doença, desastre, invalidez e desemprego; o estabelecimento de férias anuais pagas; o melhoramento das condições habitacionais pela expropriação das propriedades urbanas dos multimilionários, a baixa das rendas e uma nova política de construção; — tais são alguns dos objectivos essenciais da revolução democrática com vistas ao rápido melhoramento do nível de vida material das classes trabalhadoras.

Uma revolução cultural terá necessariamente de acompanhar a revolução no terreno económico e social. A extinção do analfabetismo, a reforma geral do ensino com revisão completa de programas e métodos, o acesso às escolas médias e superiores dos filhos dos trabalhadores pela redução do custo do ensino e a instituição

Lutas Populares

CARRIS DO PORTO — Durante todo mês de fevereiro, o pessoal da S.T.C.P. viveu em permanente tensão, mercê das lutas reivindicativas em que esteve envolvido. Os trabalhadores da empresa vinham reclamando há muito contra a suspensão da assistência médica que lhes era prestada através dos postos dos Serviços Médico-Sociais existentes em localidades dos arredores do Porto. Daí a idéia de enviarem um abaixo assinado ao ministro das Corporações, exigindo a anulação da medida que lhes impunha um único posto de assistência — o da empresa — na rua Vanzeleres, exigência absurda, uma vez que a maioria do pessoal não reside no Porto. Quando o ministro indeferiu o pedido, os trabalhadores mobilizaram-se rapidamente e, no dia 10 de fevereiro realizaram uma primeira concentração de 200 operários em frente da administração da empresa, exigindo em altos brados a satisfação da sua reclamação. Apareceu então a uma janela o famoso eng. Cailo que, em 1962, ordenou à Polícia que espancasse os trabalhadores quando estes pediam aumento de salários. Entretanto, o energumeno, vendo que os ânimos estavam exaltados, retirou-se assustado, desistindo de intervir. "Queremos as fichas", gritavam em coro os operários. A manifestação durou duas horas.

No dia seguinte, alarmada, a administração convocou a polícia, que ocupou o largo fronteiro ao edifício. A PSP apareceu acompanhada pela PIDE e, como demonstração, carrinhos para presos, vazias, principiaram a circular no Largo da Boavista. Os trabalhadores, contudo, não se amedrontaram e, conforme fora estabelecido, começaram a convergir para o local às 17 horas, para nova concentração. Dentro em breve 500 operários, aglomerados no largo, gritavam em uníssono "Gatunos! Queremos as fichas!" Foi então que a Polícia interveio, espancando brutalmente os manifestantes, ante a indignação dos populares que presenciavam a cena. As forças de repressão necessitaram de duas horas para desfazer a concentração. E, para surpresa da PSP e da administração da empresa — que pertence à Câmara Municipal, — no dia seguinte formou-se nova concentração, a que compareceram mais de três centenas de operários. Verificaram-se outra vez cenas de violência, acompanhadas de prisões. Cumprindo o plano previamente estabelecido, os trabalhadores reagiram às brutalidades policiais, o que elevou o clima de tensão já reinante na cidade.

Como era de esperar, a população solidarizou-se inteiramente com os trabalhadores da S.T.C.P. A luta continua.

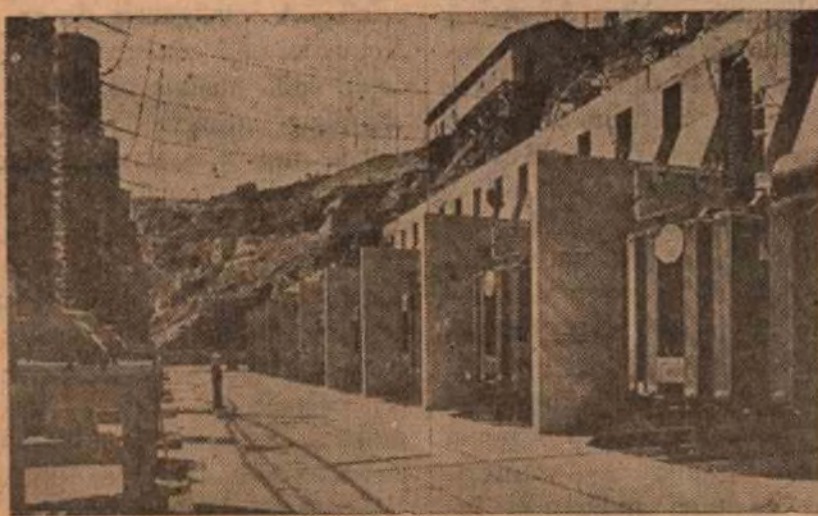
VITÓRIA DOS CORTICEIROS — Os corticeiros da Margem Sul do Tejo alcançaram recentemente uma importante vitória na luta reivindicativa que vinham travando há muito. A tática a que recorreram desta vez foi diferente da habitual, mais maleável e desconcertante. Obtidos peque-

nos aumentos numa ou noutra empresa, a reivindicação percorreu toda a região. Surgiram depois em actividade comissões de unidade em todas as empresas, sendo as reivindicações levadas ao Sindicato, onde se abriu nova frente de combate. Da primeira grande concentração realizada, nasceu, depois, a comissão sindical. As comissões de unidade nas empresas e a comissão sindical passaram então a trabalhar conjuntamente, exigindo o aumento geral. A vitória chegou finalmente com aumentos em todas as empresas de 6 a 8 escudos diários. A luta, entretanto, não terminou porque a reivindicação de todos os corticeiros do País é de 10 escudos de aumento.

CUF — Em quase todas as empresas da CUF fortalece-se a resistência operária à ofensiva exploradora dos Melos. Apesar das ameaças, das manobras de intimidação de toda a ordem e das actividades desenvolvidas pelos espiões do patronato para sabotar a unidade, os operários continuam a discutir em todas as empresas os seus problemas e a Comissão Interna, criada para servir de instrumento da vontade dos Melos, acaba por tornar-se eco das aspirações do pessoal. Em julho, por exemplo, havia apenas dois pontos na agenda: o protesto dos trabalhadores a respeito da questão das promoções e a sua desconfiança perante a Comissão de Recursos. A administração anulou pura e simplesmente a reunião em que esses assuntos deviam ser discutidos. Pois bem, em agosto os dois itens figuravam novamente na agenda, o que elevou ao paroxismo a cólera dos patrões. É simplesmente ridícula a afirmação destes de que não podem suportar novos encargos, Coitadinhos dos Melos... Isso quando acabam de aumentar o capital da empresa para 1 milhão e 200 mil contos! Damos a seguir um resumo das últimas vitórias obtidas pelos trabalhadores do poderoso monopólio: semana inglesa para os operários de várias secções; equiparação de salários na secção de Eletrólise do cobre; e inclusão do prémio de mérito nos salários do pessoal dos transportes de cais.

DESCARRREGADORES DE SAL — A população de Viana do Castelo solidarizou-se com o movimento que recentemente se verificou no setor da descarga do sal, no porto. O trabalho da descarga dos batelões para os armazéns é normalmente feito por mulheres. A fim de pagar salários mais baixos, um dos armadores resolveu contratar menores, mas não contava com a reacção. Verificou-se um protesto geral de todo o pessoal e o armador viu-se forçado a voltar ao sistema antigo.

APT DO PORTO — O pessoal da APT do Porto encontra-se empenhado numa luta reivindicativa que vem mobilizando as energias de toda a categoria profissional. Após várias manobras dilatórias do presidente do Sindicato, os trabalhadores tomaram a iniciativa de proceder a uma recolha de assinaturas e uma comissão, munida com uma lista de 200 nomes, apresentou-se ao chefe de divisão para reclamar, em nome dos signatários, imediato aumento de vencimentos. Tenta-se uma acção comum com o pessoal dos telefones de Lisboa.



As barragens são construídas com o dinheiro dos trabalhadores que pagam alto preço pela electricidade aos monopólios que a produzem e distribuem

CASO DELGADO

Juíz Espanhol Expede Ordem de Prisão Contra Agente da PIDE

Exactamente como previamos na nossa última edição, a justiça espanhola, em face das provas irrecusáveis de que a PIDE assassinou o general Humberto Delgado e, sobretudo, a pressão constante da opinião pública internacional, não sustou o andamento do processo, pelo que o governo fascista de Lisboa se encontra hoje numa posição totalmente insustentável. A ordem de prisão que o juiz Crespo Marquez expediu contra o agente Semedo ridiculariza de vez a argumentação imbecil da nota oficiosa em que o Ministério dos Negócios Estrangeiros pretendem colocar a PIDE fóra da questão. Desta vez, não poderão os diplomatas do fascismo alegar que não há nos quadros da Gestapo portuguesa ninguém chamado Semedo... Para que os nossos leitores possam acompanhar melhor o que se vem passando em Madrid, transcrevemos abaixo a crónica que José António Novais — o jornalista estrangeiro que mais tem contribuído para a difusão do caso na imprensa internacional — publicou a respeito no jornal brasileiro "O Estado de São Paulo", no dia 29 de março p.p.:

Madrid — Os advogados da família Delgado, Jaime Cortezo e Mariano Robles, declararam hoje, numa entrevista à imprensa, que "a PIDE é responsável pelo assassinio do general Humberto Delgado e de sua secretária Arajarir de Campos, e, subsidiariamente, o governo português".

O objeto da entrevista era confirmar que o juiz espanhol José Maria Crespo Marquez havia expedido uma ordem de prisão contra o comissário da PIDE, Antonio Gonzales Semedo, como suplicante do crime.

Nos autos, o juiz afirma que Semedo, agente da PIDE, e chefe do porto fronteiriço português de São Leonardo, acompanhou, no dia 13 de fevereiro (dia em que Delgado e sua secretária foram mortos) a quatro viajantes até o posto espanhol de Villanueva del Fresno, e identificou um deles, Filipe Garcia Tavares, como chefe de polícia de Angola.

Na entrevista, os advogados disseram: "Esta acusação, por sua importância, é a mais grave entre as dez feitas até agora. Já não são possíveis fantasmas, como querem os portugueses. Gonzales Semedo existe, pois fez uma declaração perante o juiz, há mais de um mês. Seu testemunho se encontra à página 551 dos autos".

Como se recorda, as autoridades portuguesas negaram que houvesse algum Tavares na Polícia. "Assim mesmo, prosseguem os advogados, o juiz Crespo Marquez deu razão às nossas acusações contra o governo português".

Encerrando a entrevista, os advogados disseram: "Se Salazar prosseguir com o "muro do silêncio" será impossível castigar os culpados, então teremos de levar este assunto a um tribunal internacional para proclamar ao Mundo que nenhum espanhol está envolvido neste crime repugnante".

SALAZAR NEGA-SE A ENTREGAR SEMEDO

LISBOA — (Do Correspondente) — Apesar do silêncio da im-

prensa a respeito do assunto, ninguém ignora já que as relações entre os governos de Salazar e Franco são cada vez mais tensas devido à marcha do "processo Delgado".

A notícia da ordem de prisão que o juiz Marquez expediu contra o agente Semedo, da PIDE, chefe do posto de São Leonardo, rebentou como uma bomba no Palácio de São Bento. Salazar nunca admitira que o seu comparsa Franco fosse tão longe. A resposta portuguesa é bastante lacónica e desabrida. Reproduzimos, a seguir a sua parte essencial:

"O nosso agente foi diretamente ouvido pelas autoridades de Badajoz, tendo prestado todos os esclarecimentos que lhe foram pedidos. Mais tarde, as autoridades judiciais espanholas pediram à Justiça de Portugal que fossem feitas novas perguntas ao agente. Dentro do espírito de cooperação, que sempre existiu entre nossos países, foi o agente Semedo imediatamente ouvido e as suas respostas foram enviadas à Espanha.

E, concluindo, as autoridades fascistas portuguesas põem uma pedra sobre o assunto: "Toda a nova cooperação será prestada nos termos da legislação nacional e da prática internacional, sem favores".

Como era de esperar Salazar recusa-se a entregar Semedo.

PUNIÇÃO PARA OS ASSASSINOS!

A marcha do processo continua a ser atentamente acompanhada pelos democratas portugueses do Brasil. Reflectindo esse interesse, as Organizações democráticas portuguesas do Brasil enviaram, com data de 7 de março p.p., ao juiz espanhol dr. José Crespo Marquez, a carta que abaixo publicamos:

Excelência:

As Organizações Democráticas Portuguesas do Brasil, que desde a primeira hora responsabilizaram o Governo Português pelo assassinio do general Humberto Delgado e de sua secretária, Arajarir Campos, tomando conhecimento das primeiras conclusões a que chegou a Justiça Espanhola no processo de investigação relativo àquele crime e orientado por V. Exa.,

1) — Comunicam o desejo que têm centenas de milhares de portugueses residentes no Brasil de que as investigações prossigam até completo esclarecimento do monstruoso crime;

2) — Esperam que não obstante a terminante recusa do Governo Português, expressa numa Nota Oficiosa do Ministério dos Negócios Estrangeiros que pretende ilibar a PIDE de culpa — nota ridícula que despertou a repulsa da opinião pública mundial — Vossa Excelência insista pela extradição dos executantes do crime;

3) — Reclamam, de acordo com as Leis espanholas e as exigências da consciência universal, a punição dos culpados.

Subscrevem o documento: Ruy Luiz Gomes, ex-candidato à Presidência da República; João Sarmiento Pimentel, pelo Centro Re-

publicano Português; José Morgado, pelos Portugueses Democratas do Recife; Maria Fernandes, pela União das Mulheres Portuguesas; Manuel Moura, pela Unidade Democrática Portuguesa e Miguel Urbano Rodrigues, por "Portugal Democrático".

A carta foi entregue em Madrid, em mãos, ao destinatário.

Centro Republicano Português

O Centro Republicano Português de São Paulo, tradicional colectividade que atravessa uma fase de grande expansão, elegeu no dia 4 de Março os novos corpos gerentes que dirigirão as suas atividades no biênio 66-67.

As eleições foram muito concorridas, tendo sido submetidas à votação três listas. Venceu a que apresentava como presidente da direcção o sr. Capitão João Sarmiento Pimentel e que tem a seguinte constituição:

ASSEMBLEIA GERAL: Presidente, Joaquim Barradas de Carvalho; Vice-presidente, Manuel Moura; 1.º Secretário, Abílio R. da Silva; 2.º Secretário, Joaquim José.

DIRECÇÃO: Presidente, João Sarmiento Pimentel; Vice-presidente, Carlos Assunção Neves; 1.º Secretário, Alexandre Antunes Pereira; 2.º Secretário, Fernando Nazareth; 1.º Tesoureiro, capitão Francisco Sarmiento Pimentel; 2.º Tesoureiro, Lenine de Jesus Alexandre; Diretor Social Alfredo Masson; Diretor Cultural, Mario Moraes; Bibliotecário, Fernando Ramos; 1.º Vogal, Mário Fernandes; 2.º Vogal, Manuel Soares; 3.º Vogal, Joaquim Duarte Baptista; 4.º Vogal, Jose Rodrigues Portela.

CONSELHO FISCAL: Presidente, Joaquim Ribeiro Bastos; Vice-presidente, Francisco Gomes; Relator, Manuel Rocheta; 1.º Suplente, Mário Bodas; 2.º Suplente, Manuel R. da Silva.

Portugal em leilão

A venda de Portugal às grandes potências imperialistas assumiu ultimamente aspectos tão escandalosos que até os deputados da menagerie salazarista se permitem já elevar a voz, para reconhecer, embora timidamente, uma situação que ninguém, pelas suas consequências, pode ignorar.

Reproduzimos, por expressivas, as palavras que um fascista confesso, o deputado Antonio Santos Cunha proferiu recentemente na Assembléa de Salazar: "O que se passa no Algarve, para mim, é verdadeiramente alarmante, porque daqui a pouco temos aquela linda provincia hipotecada aos Americanos, Ingleses e Alemães"...

Temos apenas uma retificação a fazer: hipotecada não: vendida!

Encontro de Estudantes Realizado em Bruxelas

Em Bruxelas realizou-se em fins de Fevereiro p.p., o I Encontro dos Estudantes Portugueses no Estrangeiro. O conclave, cujos trabalhos decorreram entre os dias 19 e 22, alcançou bastante repercussão na imprensa internacional.

Publicamos abaixo o texto da Declaração Final do Encontro, aprovada por aclamação:

"Pela primeira vez em 40 anos, delegações estudantis portuguesas representativas de nucleos e Associações no Estrangeiro, se reunem em liberdade para tratar de problemas que lhes dizem respeito.

Todavia, foi longe do nosso país, na Bélgica, onde estudantes portugueses representativos dos estudantes residentes em vários países europeus, puderam reunir-se livremente.

A grande quantidade de expulsos da Universidade Portuguesa, a guerra colonial, a política anti-democrática do governo de Salazar, a mediocridade do ensino em Portugal, têm obrigado muitos estudantes portugueses a saírem do país.

Mas não foi apenas com vista a resolver alguns problemas que a situação de nos encontrarmos no estrangeiro nos põe, que motivou a nossa reunião.

Não podíamos deixar de, neste Encontro, dar todo o nosso apoio à luta dos estudantes portugueses pelas liberdades associativas, parte integrante da luta do nosso povo pela democracia, contra a guerra colonial, e pela total independência do nosso país do controle económico, político e militar estrangeiro. Também nos últimos anos o carácter fascista da ditadura portuguesa, dos assassinos do General Humberto Delgado, se manifestou de maneira particularmente violenta, procurando esmagar a luta pela independência dos povos da Guiné e Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola. Condenando de maneira inequívoca a guerra colonial, não podemos deixar de responsabilizar Salazar e os fascistas que o apoiam das mortes que esta guerra está a provocar nos povos das colónias assim como, no nosso povo responsabilizando-os também pela progressiva situação de dependência em que esta guerra está a colocar Portugal.

Para prosseguir e manter a ocupação militar das colónias de Portugal, Salazar vai vendendo a nossa Pátria.

A colocação das bases militares alemãs no nosso país, têm tido como paga uma ajuda militar cada vez maior, que ainda a recente venda de aviões para usar militarmente nas colónias, vêm revelar.

Chamamos a atenção do nosso povo para a situação de dependência em que esta guerra está a colocar Portugal. A venda do nosso país é um facto.

Mas a colocação de bases militares no nosso território e em Espanha, além de preparar uma interferência na política interna destes países põe mesmo em causa a integridade física e a existência dos povos peninsulares.

O recente desastre em Espanha, em que se perdeu uma bomba, poderia ter levado à destruição de grande parte da população do sul da península, com os presentes perigos da rádio-actividade.

A presença de bases militares

estrangeiras na Península Ibérica e nos Açores, facilita o prosseguimento duma política militar irresponsável que põe em perigo a Paz Mundial.

Os estudantes portugueses, reunidos pela primeira vez em liberdade, não podiam deixar de chamar a atenção destes factos aos estudantes e povo português, aos estudantes e povos de todo o mundo.

Os estudantes portugueses seja em Portugal, seja no estrangeiro, sabem assumir as suas responsabilidades. PELA DEMOCRACIA — VIVA PORTUGAL".

Colonialismo e Anticolonialismo Moçambique

COM OS OLHOS NO FUTURO

"... Gradualmente, sem lances espetaculares, sem acontecimentos dramáticos, mas num ritmo firme, como alguém que constrói uma casa com a certeza de que ela ficará sólida e resistirá aos tempos — assim estamos construindo a nossa liberdade.

"A liberdade é preciosa. Só podem compreender todo o seu valor os que estão privados dela. Para se compreender a decisão que anima o nosso povo, é necessário estar identificado com ele. Os que nasceram e sempre viveram num país livre terão dificuldade em compreender, por exemplo, uma jovem moçambicana que prefere ser torturada e morrer (os soldados portugueses cortar-lhe todos os membros um por um) a revelar o local de uma base militar dos nossos guerrilheiros; não compreenderão porque um velho preferiu ser queimado vivo, numa cubata, a dizer onde se ocultavam os militantes da FRELIMO; porque outro velho pegou um dia no seu canhamulo e marchou para o posto administrativo, clamando que queria matar pelo menos um colonialista, para não morrer sem ter dado a sua contribuição à vitória da revolução; porque um militante da FRELIMO enfrentou ativamente o comandante militar de Nangade, dizendo-lhe em alta voz que a derrota dos colonialistas no nosso país era inevitável — sabendo que essa atitude lhe custaria a vida. Não compreenderão, enfim, porque o povo de Moçambique pratica diariamente atos de heroísmo.

"Esses atos são sinais seguros de que a nossa revolução não falhará, pois não é por acaso que se dão tais manifestações de heroísmo. Elas são o resultado de um consciencioso trabalho de educação política; são a expressão de uma vontade colectiva; provam que o povo está pronto para enfrentar todas as dificuldades para conquistar a sua independência; são a demonstração concreta do nosso objectivo, que é fazer de cada moçambicano um militante..." (do editorial de "Moçambican Revolution" n.º 23 — janeiro e fevereiro 1966).

A MARCHA DA GUERRA

O colonialismo continua a perder terreno rapidamente. Prova disso são as sucessivas derrotas

(Conclui na página 7)

ALICIA
S
noura
tercor
m de
ões de
prêsas,
evadas
nova
imeira
lizada,
sindi-
de nas
ndical
r conu-
men-
final-
das as
iários,
minou
todos
10 es-
as em-
a re-
va ex-
ar das
ntimi-
s acti-
s es-
abotar
conti-
as em-
a Co-
servir
le dos
se eco
Em
penas
protes-
to da
a sua
missão
tração
nte a
os de-
bem,
figura-
o que
dos ridi-
le não
argos,
Isso
ntar o
nilhão
seguir
itórias
es do
na in-
várias
ilários
cobre;
mérito
trans-
S DE
ana de
o mo-
se ve-
ga do
la des-
arma-
mul-
ilários
adores
mas
Ve-
tal de
viu-se
ia an-
essoal
se em-
cativa
ergias
sional,
itórias
os tra-
nativa
de as-
uni-
lomes,
lvisão
s sig-
ção de
ação telefo-

Pela amnistia e contra a repressão

**LIBERDADE PARA SOFIA
FERREIRA E JOSÉ
VITORIANO!**

A campanha mundial contra as "medidas de segurança" assume proporções cada vez mais vastas. Para o conhecimento que grande parte da opinião pública internacional tem hoje do que se passa em Portugal no campo da repressão, muito contribuiu a ação desenvolvida pelos vários Comitês da Amnistia. Até em pequenos países como a Dinamarca, que ignoravam tudo sobre a realidade portuguesa, existe hoje um sentimento muito vivo de repulsa pelo regime português e pelos seus métodos de terror policial. Não é de admirar assim que os nomes de alguns presos políticos que simbolizam a luta do povo português contra o fascismo, surjam diariamente nas colunas de dezenas de jornais europeus e latino-americanos. Tal é, por exemplo, o caso de SOFIA FERREIRA E de JOSÉ VITORIANO — dois patriotas que cumpriram há muito as suas penas e que a PIDE se recusa a libertar. Pelo que se refere a JOSÉ VITORIANO, as centrais sindicais de vários países participam ativamente da campanha pela sua libertação, remetendo às autoridades de Lisboa documento sobre documento, protestando contra a infâmia que representa o prolongamento da prisão daquele patriota.

Está igualmente em curso uma campanha pela libertação de NATÁLIA DAVID e AIBINA FERNANDES PATO.

Renovamos por isso o apelo de sempre aos nossos leitores. Cada carta, cada postal, cada abaixo-assinado enviado ao "presidente" Tomas e aos ministros da Justiça e do Interior de Salazar constituem um elo mais na cadeia da solidariedade a essas vítimas do fascismo. O clamor que exige AMNISTIA PARA TODOS OS PRESOS POLÍTICOS deve manter-se e ampliar-se.

Julgamentos nos Plenários

Durante o ano de 1965 houve 22 julgamentos nos chamados Tribunais Plenários. Foram julgadas 110 pessoas, correspondendo a soma das sentenças a 168 anos. O número de condenações a pena maior ascendeu a 23, num total de 89,6 anos. As condenações a prisão correccional foram 64, num total de 79,4 anos. Os absolvidos não excederam 23. Nada menos de 25 réus foram condenados a "medidas de segurança", isto é a prisão perpétua.

Varela Gomes Doente

Pelas últimas notícias recebidas da sinistra fortaleza de Peniche, sabe-se que o capitão Varela Gomes se encontra gravemente doente. O seu estado de saúde requer cuidados médicos que só lhe podem ser dispensados num hospital ou em clínica especializada. Entretanto Salazar, apesar de um parecer categórico do Prof. Fernando da Fonseca, uma das maiores figuras da medicina portuguesa, nega-se a consentir no internamento.

Só uma campanha que ultrapasse as fronteiras portuguesas e encontre eco na opinião pública internacional, poderá salvar a vida ameaçada do capitão Varela Gomes. E não resta a menor dúvida de que o grande patriota merece tudo o que por ele se fa-

ça. Varela Gomes é um bravo e um democrata. Qualquer que seja o juízo que se faça do ataque ao quartel de Beja, em 1 de janeiro de 62, não se pode deixar de admirar o patriota que tanto pela coerência demonstrada na campanha eleitoral de 61 como



Cap. VARELA GOMES

pela dignidade do seu comportamento perante o tribunal fascista se tornou uma figura respeitada e querida.

Façamos pois tudo o que estiver ao nosso alcance para salvar VARELA GOMES. Levar o caso ao conhecimento da opinião pública brasileira é o primeiro dever de todos os democratas portugueses deste País.

Salvemos José Rolim!

Outro patriota cuja vida se acha em perigo na fortaleza de Peniche é JOSÉ ROLIM. Atacado por uma grave enfermidade, a PIDE nega-se a libertá-lo para que se trate.

Contribuamos para a sua salvação, participando da campanha que nesse sentido se desenvolve já em Portugal. Unamos os nossos protestos aos do Interior.

Mensagem às Presas de Caxias

O Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, que tão intensa atividade vem desenvolvendo na luta pela Amnistia, endereçou às presas políticas do Forte de Caxias a Mensagem que, a seguir, reproduzimos:

"Queridas Irmãs, queridas companheiras de todas as horas!

Nesta Jornada Internacional que irmana as mulheres de todos os Países e Continentes nas mesmas aspirações de Paz, de Justiça humana e de Fraternidade entre todos os Povos, — o nosso pensamento corre velloz para junto de vós numa afirmação do prosseguimento da nossa luta pela vossa libertação.

À medida que o tempo passa, novas forças se levantam para pôr fim à opressão. O nosso Povo e todas as forças anti-salazaristas, assim como o Movimento de Solidariedade Internacional que é hoje uma força capaz de fazer recuar o salazarismo na sua política criminosa, intensificam cada vez mais as suas ações, pon-do a nú os crimes de um regime condenado em todas as partes do Mundo e lutando para vos arrancar à prisão e salvar as vossas vidas ameaçadas.

Vós, queridas Irmãs e companheiras, com os nossos patriotas encarcerados, tendes sido o alvo de uma grande parte das nossas energias e do nosso trabalho. No decorrer deste ano, desde a última Jornada Internacional, até agora, os protestos contra a repressão, contra as selváticas torturas de que muitas de vós tendes sido vítimas, as campanhas para

a libertação das que já cumpriram a pena, pela revogação do decreto sobre "medidas de segurança" e por uma amnistia tem encontrado eco em todo Mundo, através de amplas e variadas ações, contribuindo para algumas vitórias e, ao mesmo tempo, para um maior desprestígio do fascismo salazarista. Neste grandioso Movimento de Solidariedade têm-se destacado entre outras organizações a Federação Democrática Internacional das Mulheres, a Federação Sindical Mundial, a Federação dos Antigos Combatentes Anti-Fascistas Tchecoslovacos, a Associação Internacional dos Juristas Democratas, o Socorro Popular Francês, a União Internacional dos Estudantes, os Comitês para a Amnistia e de Solidariedade que existem em vários países, várias organizações na América Latina, entre as quais a "União de Mulheres Portuguesas" e toda a imprensa progressiva do Mundo. Com o pensamento em vós, e com o nosso coração cheio de esperança, nós vos afirmamos, queridas Amigas e Irmãs, os nossos inabaláveis propósitos de continuar a tarefa de defender e salvar as vossas vidas, de todos os que se sacrificaram por amor à Libertação, à Justiça e à Paz.

Esta Jornada de 8 de Março de 1966 é mais uma jornada de luta pela vossa libertação e de solidariedade à luta do nosso Povo. Com ela nós alargaremos e reforçaremos o Movimento de Solidariedade internacional à situação e à luta do nosso Povo. Para todos vós, queridas Amigas e Amigos de todas as horas, as nossas melhores e calorosas saudações, os nossos melhores votos e a certeza de que não estais sós. A certeza de que milhões se levantam contra as mãos assassinas que vos encerraram".

A irmã pagou pelo irmão

Entre as últimas prisões realizadas pela PIDE conta-se a de uma senhora, ANA GERVASIO, que jamais se entregou a atividades políticas. O único "crime" de que a famigerada polícia acusa a sua nova vítima é o de ser irmã de Eleuterio Gervásio, democrata exilado, que vive em Paris, onde procura auxiliar os trabalhadores portugueses como membro do Bureau português da CGT-FO e da Confederação Internacional dos Sindicatos dos Trabalhadores Emigrados.

ANA GERVASIO, que tem 38 anos, permanece presa sem culpa formada, o que vem suscitando grande indignação, pois a PIDE apenas a acusa de "escrever ao irmão", tendo-lhe apreendido toda a correspondência. Encontra-se presentemente em Caxias, no reduto Norte.

Jornais da França, Suécia, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Inglaterra e Itália vêm-se referindo ao caso, denunciando-o como mais um atentado da PIDE aos direitos da pessoa humana. Numerosos protestos têm sido dirigidos às autoridades fascistas e às embaixadas portuguesas. Esperamos que os democratas portugueses do Brasil se associem a essa humanitária campanha.

O comité Francês e a luta pela Amnistia

Conforme havíamos noticiado em nossa última edição, realizou-se, a 27 de Fevereiro, em Paris, por iniciativa do Comité Francês para a Amnistia, uma Mesa Redonda para um amplo debate em torno da escolha das formas mais adequadas à ampliação da luta pela Amnistia aos presos políticos portugueses, de modo a que o trabalho de esclarecimento e solidariedade levado a efeito em França e no mundo abranja uma informação mais completa sobre a conjuntura portuguesa e dele participe um maior número de personalidades.

Dessa primeira reunião, a que outras se vão seguir, participaram: Claude Muller, vice-presidente da União Nacional dos Estudantes da França; Mme Marcaillon, pela União das Mulheres Francesas; Gilbert Jeandet, pelo Partido Radical; Mme Helena Seob, pelo Cristianismo Social; Auguste Gillot, maire de Saint Denis; Raymond Laurens, vereador de Paris; Pierre Calderara, pela CGT; Claudius Chene, pelo Socorro Popular; Nestor, pelos Estudantes Socialistas Unificados; Sr. e Sra Morice, advogados, ambos membros do Partido Radical; Mancini, advogado e membro da Liga dos Direitos do Homem; Roger Superville, advogado; Claude Samuel, pelo Movimento Anti-Racista, Anti-Semita e Pro-Paz; Marcel Livian, da Comissão dos Negócios Estrangeiros do Partido Socialista; Sollignac, maire-adjunto de Champigny; Christian Guershe, pelo Partido Socialista Unificado; Mme Solange Bouvier Ajam, pela Associação Internacional dos Juristas Democráticos; Mme Colette Khan pela Federação Internacional dos Direitos do Homem; Robert Balanger, presidente do grupo parlamentar do Partido Comunista Francês na Assembléa Nacional; Jacques Kotzky, dois delegados da Amnesty International; e Daniel Vidal, secretário do Comité Francês para a Amnistia.

Representaram a Frente Patriótica de Libertação Nacional, na reunião, os nossos companheiros Ramos da Costa, Veiga Pereira e Silas Cerqueira.

Acompanharam também os trabalhos, prestando assistência ao Comité Francês, os democratas portugueses Celestino Castro, Amelia Padez e Moura Diniz, o último em representação da Liga Portuguesa dos Direitos do Homem.

MENSAGENS RECEBIDAS

Foram recebidas dezenas de mensagens, e saudações, apoiando a iniciativa do Comité Francês. Entre elas figuraram telegramas e cartas enviados pelas seguintes entidades: União Intersindical de Force Ouvrière, Centro Italiano para Portugal, Comité Dinamarques pela Amnistia em Portugal, Angola Comité da Holanda, Comité Ingles pela Amnistia. Entre as personalidades que se associaram ao ato contam-se as seguintes: François Mitterrand, ex-candidato à Presidência da República; René Char, poeta; Jean Cassou, escritor; Andre Diligent, senador católico; Jacques Nantet, escritor; Arthur Adamov, dramaturgo; René Allio, cineasta; Glasberg, padre Católico; Jacques Rebersat, professor na Sorbonne; H. Bruston, pastor protestante; Waldemar George,

crítico de arte; Simone Tery, escritora; Joe Nordman, secretário da Associação Internacional dos Juristas Democráticos; Vladimir Pozner, escritor; Edouard Depreux, secretário nacional do Partido Socialista Unificado.

O diretor da Revista católica "Esprit" enviou a seguinte mensagem: "A revista que dirijo continua a servir da causa da libertação de Portugal".

O eminente mestre Vladimir Jankelevitch, catedrático da Sorbonne, encaminhou aos organizadores da mesa redonda uma carta de que reproduzimos as seguintes passagens: "A minha irrestrita solidariedade para com aqueles que lutam pela libertação em Portugal. O regime de Salazar é com o de Franco a última cidadela do fascismo europeu de antes da guerra (...). O que acontece em Portugal diz-nos respeito: a repressão, as perseguições, o amordagamento da universidade, a escravização do pensamento dizem-nos respeito, sentimo-nos atingidos nas pessoas dos estudantes e professores portugueses perseguidos".

A Junta Revolucionária Portuguesa da F.P.L.N., enviou também uma saudação, sendo igualmente recebidas mensagens das organizações democráticas da emigração espalhadas pelo mundo.

Horacio Gradim: seis anos de asilo

O arquiteto Horácio Gradim continua asilado na embaixada da Venezuela em Lisboa, sem que as autoridades diplomáticas fascistas se mostrem dispostas a encontrar solução para o caso.

A Junta Patriótica Portuguesa da Venezuela, que já se ocupara do assunto anteriormente, acaba de enviar a respeito do mesmo um Memorial às Nações Unidas. Depois de recordar que aquele patriota se acha asilado desde 15 de fevereiro de 1960, o documento acrescenta: "O arquiteto Gradim é, sem dúvida, na atualidade, o refugiado mais antigo do mundo. Ao longo de seis anos, o seu salvo conduto foi solicitado por vários representantes diplomáticos do Governo da Venezuela, sem que até agora o regime português, em evidente desrespeito a uma nação amiga, tenha dado solução favorável ao problema. Argumenta o governo de Portugal, para manter virtualmente preso o nosso compatriota, que não é signatário da Convenção de Havana, de 1928, e que portanto não reconhece o direito de asilo".

O Memorial cita depois os precedentes que invalidam a tese sustentada pelo governo fascista de Lisboa e conclui com o seguinte apelo: "A Junta Patriótica Portuguesa confia em que a Organização das Nações Unidas faça pressão junto ao governo português, usando da força moral e jurídica de que dispõe, a fim de que a situação anómala do nosso compatriota seja favoravelmente resolvida e com a urgência requerida pelo caso".

Assinam o documento, em nome da Junta, os nossos companheiros Antonio Gomes da Silva, José da Costa Lopes, Rubem de Sousa, João Lopes, F. Manarte e Fernando Natividade.

a Colonialismo...

(Conclusão da página 5)

estradas pelas suas forças militares nesta colónia, das quais destacamos algumas entre as que se registaram nas últimas semanas: O posto militar de Chingula foi atacado e destruído por guerrilheiros da Frelimo. Os soldados que o ocupavam debandaram quando foi iniciado o ataque, deixando atrás de si sete espingardas e diversa munição.

As ligações telefónicas entre Palma e Mocimboa da Praia foram destruídas por sabotadores nacionalistas.

Numa emboscada armada a um comboio militar que se dirigia de Mueda para Miteta, três dos oito soldados que o constituíam ficaram inteiramente destruídos.

Três caminhões militares caíram noutra emboscada, na estrada de Mocimboa da Praia, ficando destruído um deles. Morreram 7 dos soldados que seguiam no mesmo.

Em consequência a um ataque ao posto militar de Quitarajo perderam a vida mais nove soldados portugueses. Outros quatro foram mortos pela explosão de 2 granadas lançadas contra eles quando tentavam colher mandioca num campo de cultivo.

Trinta e dois soldados, entre portugueses e africanos encadrados nas tropas colonialistas, pereceram em consequência de um ataque de surpresa desfechado por guerrilheiros contra um acampamento perto de Namioca. Estes conseguiram infiltrar-se no acampamento ocultos pela vegetação e a coberto da noite, sem serem pressentidos pelas sentinelas. Quando abriram fogo encontravam-se a menos de 10 metros dos soldados.

Em mais duas emboscadas, a primeira entre Muidumbe e Nangololo e a segunda entre Mueda e Sagal, os nacionalistas destruíram 3 caminhões militares e causaram pesadas baixas entre as tropas transportadas nos mesmos.

Guiné

Arroz do Brasil

O cargueiro liberiano "Marindi Jubami" carregou em Santos, no mês passado, 10.000 toneladas de arroz destinadas a Bissau. Desde há muito que a colónia passou a ter necessidade de importar arroz para abastecimento da capital e das poucas localidades que restam sob domínio colonialista, assim como das ilhas

de Cabo Verde e das tropas que ocupam a colónia, apesar de o arroz continuar a ser um dos principais produtos agrícolas do território. A razão é que, atualmente, tanto o cultivo como a colheita são realizados quase exclusivamente pelos guineenses que habitam nas regiões libertadas, não tendo as autoridades colonialistas qualquer possibilidade de se apossarem, como antigamente o faziam, dos frutos do trabalho da população africana.

CINEASTAS FILMAM GUERRÁ

Os cineastas italianos Piero Nelli e Eugenio Bentevoglio, passaram 13 dias no interior da Guiné dita portuguesa, acompanhados de quadros do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde filmando aspectos da vida político-social e da organização militar dos nacionalistas. As imagens tomadas durante a estada no território ocupam 5.000 metros de película, suficientes para 6 horas de projecção, e com eles Nelli e Bentevoglio montarão um filme que será intitulado "Labanta Negro". Entre as filmagens feitas contam-se dois recontraos entre nacionalistas e forças portuguesas. Eis o expressivo testemunho de Nelli à cerca da guerra da Guiné: "Como prova de que o exército de libertação possui tudo o que é necessário a uma guerra de guerrilhas bastam-me os destroços de dois aviões abatidos próximo de uma base das forças nacionalistas e o ataque desencadeado por estas, na madrugada de 11 de fevereiro. Os nacionalistas contavam apenas com 40 homens contra um destacamento português composto de uma centena de soldados, 4 caminhões blindados e 2 tanques. O ataque presenciado e filmado por Nelli e Bentevoglio, deu-se a 5 km. de Mansôa e fez do lado português 20 mortos e uma dúzia de feridos e destruiu 2 caminhões com tiro de bazooka, enquanto do lado nacionalista se registraram apenas dois feridos ligeiros." Os cineastas declararam à agência Senegalesa de Imprensa que os nacionalistas "apesar do conflito armado que os opõe a Portugal, não nutrem qualquer ressentimento em relação ao povo português, que não confundem com a política nefasta do governo de Salazar. Profundamente anti-colonialistas, os nacionalistas são, por outro lado, fiéis aos ideais de amizade e de cooperação com todos os povos desejosos de paz e de liberdade, sem exclusão de nenhum".

Pequenas Notícias

● A edição canadiana do jornal "Awake", órgão das Testemunhas de Jeová, publicou, no seu número de fevereiro, um artigo sobre as perseguições a que continuam sujeitos em Portugal os fiéis daquela seita religiosa.

● Os operários da Cerâmica Lusitana, na Moita, conseguiram um aumento de 920 após prolongada luta, que terminou com uma concentração junto dos escritórios da empresa.

● Em Lourenço Marques, um tribunal militar presidido pelo coronel Correia Leal, condenou por "actividade contra a segurança do Estado" os nacionalistas moçambicanos: Matias Zafarias Boa, em cinco anos de prisão; Luís Bernardo Hungwana, em vinte e três meses; e José Gomes Neto Junior, em doze meses.

● A emigração para França continua a despovoar os campos do Norte de Portugal. Segundo o "Notícias da Covilhã", no concelho do Sabugal, a maioria das aldeias têm hoje menos de metade da população que contavam há dois anos.

● O Japão, última das potências imperialistas a participar do festim angolano, vai importar atualmente mais de um milhão de toneladas de minério de ferro de Angola.

● Em entrevista que concedeu ao "New York Times" e que aquele jornal publicou parcialmente no dia 24 de março, Salazar repisou todos os temas em que é usreiro e vezeiro: Goa, o perigo comunista, o futuro do regime nascido a 28 de maio de 26, a ingratidão dos Estados Unidos e de outros aliados, etc.

● Sob a presidência do "presidente" Américo de Deus Tomás, realizou-se em Lisboa no dia 23 de março p.p. a sessão inaugural do VI Congresso Internacional para a Defesa da Civilização Cristã.

● O adido militar americano em Lisboa, coronel James Jessrief, realizou a sua terceira visita de inspeção a Moçambique.

● Uma alegre caravana de 50 personalidades do US War College acaba de visitar Angola. Ao regressarem aos Estados Unidos, no mesmo avião da Força Aérea Norteamericana em que haviam viajado para Luanda, os visitantes declararam-se encantados e manifestaram a opinião de que Salazar defende realmente em Angola "o mundo livre e cristão".

● O ministro da Saúde de Salazar andou pelo Brasil no mês de março debatendo asneiras e tentando persuadir a opinião pública brasileira de que em Portugal foram debeladas as doenças edémicas.

● Salazar acaba de elevar à categoria de Embaixadas as missões diplomáticas portuguesas junto de três repúblicas centro-americanas que vivem sob regimes ditatoriais: a Guatemala, Honduras e El Salvador.

● O almirante Anderson, embaixador americano em Lisboa, em entrevista concedida à imprensa, na capital portuguesa, passou um atestado de bom comportamento ao governo de Salazar, acentuando que "tem feito grandes esforços para cumprir os seus compromissos, a despeito das dificuldades que enfrenta em Africa, fato que é reconhecido e compreendido por todos os seus aliados".

● Voltando a aproximar-se de Salazar, Marcelo Caetano aceitou a presidência da comissão encarregada de estudar "a modernização orgânica e os métodos de trabalho nos serviços públicos".

● O dr. Heinrich Krone, presidente do Conselho de Defesa da Alemanha Federal visitou Portugal em março, tendo conferenciado com Salazar e outros membros do governo. Em declarações à imprensa afirmou existir perfeita concordância de pontos de vista em relação aos assuntos discutidos. Definiu Salazar como "a garantia de uma época de ordem".

● O semanário belga "La Gauche", dirigido por Ernest Mandel, publicou no seu número de 26 de fevereiro um extenso artigo sobre o assassinio do general Humberto Delgado.

● Os delegados de propagação médica do Porto desenvolvem esforços para conseguir a assinatura de um contrato colectivo de trabalho cujo projecto já foi enviado ao ministro das Corporações.

● A administração da Mundet, no Seixal, recusa-se a aumentar os seus 1.100 trabalhadores, com o argumento de que a produção é muito baixa para justificar uma alta de salários...

● Em Viana do Castelo, uma grave crise de desemprego afecta a classe portuária.

● As condições de saúde do pessoal dos Nitratos de Portugal são péssimas. A empresa nada faz para melhorar a situação dos trabalhadores.

Notas e Comentários

(Conclusão da página 3)

travessos aos quais a Providência negou a felicidade de terem como deuses tutelares um Salazar ou um Ian Smith.

Os aplausos comovidos que lhe tributou no Rio de Janeiro a "Voz do Dono" valem por uma confirmação de que estamos certos: o sr. Franco Nogueira homem maduro é uma desilusão completa para os que viam no menino Alberto uma promessa de gente.

SALAZAR X FRANCO

O andamento do inquerito policial sobre o assassinio do general Humberto Delgado e de sua secretária criou uma situação entre os governos fascistas, ibéricos que, meses atrás, ninguém ousaria prever. Se as relações entre Lisboa e Madrid com a descoberta do crime perderam muito da velha cordialidade que as marcava, a atitude de Salazar desde então não fez senão deteriorá-las.

O ditador de Santa Comba pensava provavelmente que a negativa formal com que respondeu, por intermédio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ao pedido oficial de extradição dos quatro agentes da PIDE que participaram do assassinio, encerraria o caso, pois as autoridades espanholas não se atreveriam certamente a provocar uma situação capaz de afectar profundamente as relações entre os dois Estados fascistas. Tais cálculos saíram entretanto errados. O pedido de extradição do agente Gonzales Semedio, a que o nosso jornal se refere em correspondência de Lisboa, veio desencadear a crise que ninguém admitia. Salazar não previu que Franco, submetido a tremendas pressões da opinião pública internacional e a braços com graves dificuldades internas, não se sentiria em condições de atender os seus apelos, arquivando o escandaloso processo. E à insistência da justiça espanhola, desta vez expressa de maneira que não consentia subterfúgios, reagiu à sua maneira. A resposta ao pedido de prisão de Semedio foi uma negativa rotunda, acompanhada de um desafio. Daqui para diante toda a nova cooperação — como se tives-

se antes havido alguma — "será prestada nos termos da legislação nacional e da prática internacional, sem favores". Em outras palavras: Salazar significa insolentemente a Franco que a PIDE é intangível e que recorra às circunstâncias internacionais (da quais se ri...) se quiser levar para diante um processo que envolve membros da Gestapo portuguesa.

Como receberá Madrid esta "lição" que tem o sabor de uma reprimenda e de um enxovalho? Até agora não houve comentários oficiais a respeito da nota provocatória de Lisboa, mas tudo leva a crer que Franco permitirá que o Juiz Crespo Marquez conduza as investigações até o fim, isto é a um ponto em que o governo de Madrid terá de responsabilizar oficialmente a PIDE pelo assassinio do general Delgado e de sua secretária.

PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Otávio Martins de Moura
SUCURSAL

RIO DE JANEIRO: Rua General
Pedra, 215 — Tel.: 43-0202

REPRESENTANTES

RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva

— Rua Real da Torre, 819 — 1.º

CURITIBA: A. Ferrer — Rua
João Pessoa, 67

LONDRINA: Julio Duarte —
Edifício Centro Comercial —
Apto. 141

PORTO ALEGRE: Carlos Noronha Felo — R. Dr. Flores, 26 —
Rio Grande do Sul

PELOTAS: Heltor M. Bandeira

— Rua 7 de Setembro, 312 —
Pelotas — Rio Grande do Sul

INGLATERRA: Portuguese and
Colonial Bulletin — 10 Pentiman
Road, London, S.W. 8

BRUXELAS: Carlos Siqueira —
Rue Jolly, 77 Schaerbeek —
Bruxelles 3

HOLANDA: ANGOLA COMITE
— Vinkenstraat 13 — Amster-
dam — C.

CANADA: Portuguese Canadian
Democratic Association 10 —
Eden Place Toronto 2B —
Ontário

A. dos Santos
7564 d'Outremont Ave. — Apt. 1
Montreal 15, P.Q.

VENEZUELA: Junta Patriótica
Portuguesa — Apartado 8287 —
Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica
Portuguesa del Uruguay Casilla de
Correo n.º 2.128 — Distrito 5 —
Montevideo

CHECOSLOVAQUIA: João Ri-
beiro — Postovná Urada —
Praha

FRANÇA: Grupo de Amigos de
"Portugal Democrático" — 29,
Rue St. André des Arts. —
Paris — 6.º eme.

REDAÇÃO:

Rua Conselheiro Furtado, 191
Sala 2 — Tel.: 37-0833
São Paulo

Caixa Postal 6248

EXPEDIENTE:

Dias úteis: das 19 às 22 horas
Sábados: das 15 às 19 horas
Número avulso . . . Cr\$ 50
Assinatura anual . . . Cr\$ 1.500

Ano X — N.º 105 — Abril 66

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.

Natal do preso político

Terminamos nesta edição a publicação dos donativos recebidos para a tradicional campanha do nosso jornal a favor das vítimas mais diretas do fascismo — os patriotas encarcerados — e de suas famílias.

	Cr\$
Transporte do n.º anterior	355.495
O. Costa	5.000
Fernando Ramos	5.000
Joaquim José	2.000
José Rosa	2.000
Manuel Rocheta	10.000
Helder Costa	2.000
Grupo Democratas de Niterói (II)	20.000
Total arrecadado	491.495

Como anunciamos no início desta campanha, está a mesma integrada na Campanha Nacional pela Amnistia aos Presos Políticos que, permanentemente, se desenvolve no interior do nosso país. Por este motivo, o total arrecadado, será enviado à Comissão Nacional que orienta e dirige a luta pela Amnistia.

"LIBERDADE": UM JORNAL DE TODOS OS PORTUGUESES

Última Hora Novas Prisões

A Frente Patriótica de Libertação Nacional, tem desde Fevereiro passado um órgão próprio: o mensário "LIBERDADE" destinado a toda a emigração democrática portuguesa e, principalmente, a todos aqueles que, em Portugal, lutam diariamente contra o fascismo, numa batalha que só terminará com o derrubamento do regime de terror e opressão que vai completar quarenta anos.

De pequeno formato, para mais facilmente poder ser introduzido em Portugal, muito bem impresso e com aspecto gráfico agradável, "LIBERDADE" não é mais um jornal a enriquecer a imprensa da emigração democrática: é o jornal de todos nós, o órgão unitário da Frente unitária. Superfluo é pois lembrar a todos os democratas portugueses espalhados pelo mundo que é seu dever auxiliar o novo órgão de combate ao fascismo, cujo aparecimento deve ser saudado como importante vitória. Em circular recentemente distribuída, a FPLN

acentuava que "LIBERDADE" é apenas uma das iniciativas constantes do programa de expansão da sua imprensa própria, em obediência às resoluções da III Conferência. O boletim em francês para a imprensa internacional será brevemente uma realidade bem como outra publicação que se destina aos soldados e oficiais — hoje quase 100.000 — envolvidos nas guerras coloniais de Angola, Moçambique e da Guiné dita portuguesa. O esforço que essas iniciativas representam não poderá, insistimos, ser mantido no nível desejado se a Junta Revolucionária Portuguesa da F.P.L.N. não receber um auxílio permanente e considerável dos núcleos da emigração. Existem já várias Comissões de Apoio à F.P.L.N. É preciso que outras se fundem e que as já em funcionamento dinamizem o seu trabalho, de modo a poderem prestar uma assistência real aos nossos companheiros de Argel, nesta nova e profícua fase do seu trabalho político.

emigração dispersa, nós, oposição democrática, anti-fascista e anti-colonialista, uma corrente "indomada e indomável", à qual, adquirida a consciência da unidade necessária, só falta a correspondente organização para sermos "uma força". Uma força invencível.

Devemos unir vontades, cerrar fileiras, intensificar a luta contra o fascismo e contra a guerra colonial. Devemos aliar a ofensiva à defensiva e o ataque à resistência.

Orgulhamo-nos, nós, democratas portugueses, e com razão, da resistência nacional ao fascismo que tem sido digna e persistente. Dessa resistência é actualmente o melhor penhor uma juventude que não se vergou à influência do regime e corajosamente diz não à universidade medieval, ao fascismo à guerra colonialista. Mas, como se dizia num apelo dirigido aos portugueses pela CONFERENCIA da F. P. L. N. — é preciso passar de uma heróica resistência a um heróico combate libertador.

O fascismo, com a sua política colonialista, conduz-nos a um desastre nacional. O fascismo é o reinado de terror, da miséria, da opressão. O fascismo é a sangrenta repressão das aspirações nacionais dos povos das colónias, é a guerra. O fascismo é o leilão das riquezas nacionais, é a alienação da própria independência nacional.

É preciso organizar a corrente "indomada e indomável" que somos. É preciso radicar nela a consciência dos objectivos comuns na luta contra a ditadura fascista, a miséria, o terror policial, o domínio estrangeiro, a guerra colonial.

Essa é a função deste jornal LIBERDADE será a bandeira e o programa da FRENTE PATRIÓTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.

Um jornal de combate é sempre um agitador colectivo e um organizador colectivo.

LIBERDADE será, nas tuas mãos, uma arma revolucionária".

LUIZA PAULA E ALFREDO NOALES MORRERAM

Dois patriotas que viveram numa luta permanente contra o fascismo faleceram recentemente: LUIZA PAULA e ALFREDO NOALES.

Luiza Paula desapareceu com 67 anos. Operária textil, bem cedo se dispôs a consagrar a sua existência à causa da libertação do povo português. A sua primeira prisão verificou-se em 1938. Depois de cumprir 18 meses de cadeia, passou à clandestinidade e nela se manteve durante 20 anos! Em 1956 voltou a cair nas mãos da PIDE e novamente os esbirros fascistas se desesperaram com a sua fibra de patriota, com a sua indomável coragem. Quatro anos de Caxias arruinaram-lhe, contudo, a saúde já abalada.

Alfredo Noales era um jovem. Morre na flor da vida. Jornalista, foi um exemplo para muitos intelectuais das gerações posteriores à implantação do fascismo. Nas redações dos jornais fascistas soube mostrar como um democrata e um patriota podia servir à causa da libertação do seu País. Foi um dos principais dirigentes da luta dos estudantes contra o decreto 40.900, tendo

LISBOA (Do correspondente) — Assinalando o auge da nova vaga de terror policial que varre o País, o governo fez publicar nos jornais uma nota oficiosa em que comunica ao País algumas das últimas prisões realizadas pela PIDE.

Entre os antifascistas nessas condições, contam-se alguns destacados combatentes como o ex-dirigente sindical ROGÉRIO DE CARVALHO, o engenheiro ALVARO VEIGA DE OLIVEIRA, o ex-oficial miliciano JOÃO MANUEL SANTOS CALHAU e o arquitecto VIEIRA DE ALMEIDA. Algumas dessas prisões foram realizadas no fim do ano passado como a de Rogério de Carvalho, patriota que a PIDE detestava particularmente por haver participado da famosa evasão da Fortaleza de Peniche, em 1960. Agora, ao ser preso, o conhecido democrata resistiu, lutando com os seus captores. Embora a PIDE venha mantendo uma cortina de silêncio em torno destas prisões, sabe-se que o comportamento dos quatro patriotas citados foi magnífico, recusando-se a prestar quaisquer declarações aos esbirros da Polícia. O eng. Veiga de Oliveira teria sido espancado violentamente e submetido durante quinze dias à tortura do sono.

Entre os últimos estudantes presos figuram ANTONIETA COELHO, da Faculdade de Direito; EUGENIO ROSAS; DIAS DE DEUS, ex-presidente da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico; e LYGIA CALAPEZ que, ao ser presa pela primeira vez, no ano passado, se portava já corajosamente apesar de contar apenas 16 anos.

A intensificação do terror policial tem como objectivo principal afrontar as forças democráticas, no momento em que estas se mobilizam para que o 1.º de Maio seja uma grande jornada de luta contra o fascismo. A avaliar pelo entusiasmo com que em todo o País os antifascistas se preparam para o inevitável confronto com o aparelho de repressão do regime no Dia dos Trabalhadores, o objectivo da PIDE falhou totalmente.

Publicando esta notícia recebida de Lisboa no momento em que se chamamos esta edição, PORTUGAL DEMOCRATICO pede desde já aos seus leitores de todo o mundo que integrem na campanha que no Interior e no Exterior se desenvolve a partir de agora a favor da libertação dos patriotas que acabam de cair nas mãos da PIDE.

Aumenta a Revolta Contra a Guerra

LISBOA (Do Correspondente) — A resistência à guerra colonial está causando preocupações cada vez maiores às autoridades fascistas. A propaganda patrioteira, que antes era recebida com indiferença em amplas camadas da população, provoca agora um sentimento generalizado de irritação. No seio das forças armadas, a revolta é particularmente sensível. Daí o número crescente de deserções, tanto no Continente como nos quartéis africanos e na própria frente de batalha. Sabe-se que, recentemente, uma patrulha inteira, comandada por um oficial desertou na Guiné. Outra formação, recusou-se a cumprir uma ordem e abateu a tiro o comandante que a dera.

Só em Lisboa encontram-se presos 400 soldados que se recusaram a participar da guerra colonial. No Porto há 200 nas mesmas condições.

No Batalhão de Caçadores 9, em Viana do Castelo, verificaram-se também acontecimentos que alarmaram o estado-maior fascista. O embarque de um contingente de 600 militares dessa unidade teve de ser adiado à última hora por faltarem, à partida, dezenas de elementos. O comandante enviou vários "jeeps" às aldeias vizinhas da cidade à procura dos ausentes. Só dois dias depois foi possível normalizar a situação. Entre os desertores figurava o aspirante-miliciano Joel Marques Barbosa e outro oficial miliciano.

A idéia da deserção, que antes era objecto de discussões apaixonadas, é hoje considerada como a melhor solução. Os sectores democráticos encaram a deserção como acto de protesto contra a guerra colonial e a política fas-

cista. Todas as formas de resistência merecem o apoio da população. Assim, os jovens não se apresentam à inspecção, abandonam os quartéis, recusam-se a embarcar. As deserções colectivas, particularmente, são olhadas como uma das formas mais eficazes de combate ao fascismo.

NAS PISADAS DA LEGIÃO E DA O.A.S.

Existem, evidentemente, certas unidades das Forças Armadas que se comportam de modo diferente e não escondem a sua adesão à guerra colonial. Mas essas são execradas pela população. Tal é, por exemplo o caso dos tristemente célebres Caçadores Especiais de Lamego e de algumas formações de paraquedistas que se tornaram famosas pelas crimes cometidos em África. A transformação de certos militares em matadores profissionais não é novidade. Repete-se agora em Portugal o que aconteceu recentemente com a França, durante a guerra da Argélia. Desgraçadamente, guerras como as que o fascismo salazarista move aos povos da Guiné, de Angola e de Moçambique engendram a versão portuguesa dos paraquedistas da Legião, de Bigeard e de Massu, são uma fábrica de criminosos que nada ficam a dever aos "tueurs" da O.A.S.



Fac-simile da primeira página de LIBERDADE. Para conhecimento dos nossos leitores informamos que o preço de venda do órgão da F.P.L.N. será no Brasil de 450 cruzeiros por exemplar, devendo os pedidos de assinaturas ser endereçados à Comissão de Apoio da F.P.L.N., à Rua Conselheiro Furtado, 191. Para efeitos de colaboração e outros assuntos devem os democratas portugueses de outros países dirigir-se à Junta Revolucionária da F.P.L.N., 13, Rue Auber, Argel, República de Argélia.

Uma arma Revolucionária

Reproduzimos abaixo o editorial do n.º 1 de LIBERDADE, intitulado "Uma Arma Revolucionária":

"O título deste jornal é um programa e uma bandeira: LIBERDADE.

A FRENTE PATRIÓTICA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL é uma trincheira de homens livres que lutam por uma pátria livre. LIBERDADE — não pretende ser apenas uma voz de resistência, será um apelo ao combate libertador, à unidade, às lutas quotidianas, à acção revolucionária.

LIBERDADE é um órgão político e polémico, um jornal de combate. Implacável na luta con-

tra os fascistas, os colonialistas, os agentes de domínio estrangeiro, os misticadores políticos. Atento e fraternal para os companheiros de jornada; aberto à colaboração de todos os democratas, solidário da acção de todos os anti-fascistas e de todos os anti-colonialistas.

Portugueses vindos de distintos horizontes políticos podem, nesta hora decisiva, empunhar a mesma bandeira e defender o mesmo programa mínimo imediato: destruir o fascismo, lançar as primeiras pedras para a construção de um Portugal livre e democrático.

Sómos, na pátria oprimida e na

PORTUGAL DEMOCRATICO
Rua Cons. Furtado, 191 — SP. Brasil
Endereços de Assinantes